

APRESENTAÇÃO

Este número de *Sociologia & Antropologia* inaugura a periodicidade quadrimestral da revista e também a publicação de artigos não só em português como em inglês. Com isso, buscamos tanto acompanhar o dinamismo da produção de conhecimento nas ciências sociais como ampliar o público-leitor da revista. Além do português e do inglês usados como expressão direta dos autores, e além das já usuais traduções para o português de textos inéditos escritos em língua estrangeira, a revista traz a versão para o inglês de artigos em português. A troca de conhecimento nas tradições disciplinares sociológica e antropológica nos contextos brasileiro e mundial vê-se assim ampliada e aprimorada.

É com satisfação que oferecemos ao leitor um conjunto de textos sobre o sociólogo alemão Georg Simmel (1858-1918), para o que contamos com a inestimável colaboração de Leopoldo Waizbort, a quem registramos nossos agradecimentos. Uma entrevista com o sociólogo finlandês Olli Pyyhtinen, realizada por Leopoldo Waizbort em fins de 2014, abre o conjunto. Nela, Pyyhtinen destaca o relacionismo radical de Simmel e seus limites e desafios para a sociologia contemporânea. A ela seguem-se valiosos artigos. Em “Revisitando Georg Simmel”, Donald Levine, um dos maiores especialistas mundiais no autor, elabora argumentos e contra-argumentos que iluminam os ensinamentos fundamentais de Simmel, contrapondo-se a algumas das interpretações mais recorrentes de sua obra. Otthein Rammstedt, outro grande especialista na obra desse autor, traz em “Como Georg Simmel chegou à modernidade e lhe permaneceu fiel?” uma reflexão arguta e muito elucidativa acerca da concepção da ideia mesma de modernidade em Simmel; concepção que é, a um só tempo, fruto da experiência do autor com a própria modernidade. Segue-se o artigo de Lenin Bicudo Bárbara “A via analógica no pensamento de Georg Simmel”, que examina o raciocínio analógico como recurso cognitivo e como estilo no pensamento do autor.

“No underskirts in Africa: Edison Carneiro and the ‘lineages’ of Afro-Brazilian religious anthropology”, de Yvonne Maggie, tece em torno do jornalista, folclorista e antropólogo Edison Carneiro uma reflexão abrangente acerca de duas vertentes sócio-antropológicas que divergem quanto à interpretação da presença da “África” na constituição das chamadas religiões afro-brasileiras. Por sua vez, “Gilberto Freyre no comando do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife: educação em debate (1957-1964)”, de Simone Meucci, reflete sobre a atuação de Freyre na direção desse Centro, indicando sua afinidade com Anísio Teixeira.

Seguem-se os artigos de Graziella Moraes Silva e Matias López, “‘Brazilian people’ in the eyes of elites. Repertoires and symbolic boundaries of inequality”; de Juan Pedro Blois, “Os sociólogos e a pesquisa de mercado e opinião pública na Argentina”; e de Edson Farias, “O saber carnavalesco: criação, ilusão e tradição no carnaval carioca”. O primeiro analisa os repertórios culturais mobilizados pelas elites brasileiras para definirem o “povo”. O segundo trata das relações entre sociologia e pesquisa de mercado e opinião pública na Argentina desde o retorno à democracia. O terceiro artigo aborda a transmissão de saberes e práticas entre diferentes gerações de carnavalescos, observando sua conduta artística em meio às alterações de interesses e ideias no desfile das escolas de samba.

“Bogart em *Casablanca*: formas religiosas da vida política”, de Luís Felipe Sobral, a partir de uma cena do filme *Casablanca* (1942) descreve como Hollywood modificou seu paradigma narrativo a fim de se adequar às demandas governamentais para o esforço de guerra. Maurício Maia Aguiar, em “Machado de Assis em perspectiva: os olhares divergentes de Silvio Romero e José Veríssimo”, examina como os diferentes perfis de Machado de Assis traçados pelos dois intelectuais encarnam disputas pelo estabelecimento de um modelo de artista nacional.

A seção *Registros de Pesquisa* traz a bela biografia-homenagem da socióloga Regina Lúcia de Moraes Morel a seu pai, Evaristo de Moraes Filho, por ocasião da comemoração do centenário de seu nascimento, em 2014, no IFCS/UFRJ. Evaristo foi ativo participante da vida política e cultural do país e da vida universitária, com a docência nas Faculdades de Filosofia e Direito e com a criação do Instituto de Ciências Sociais que, unindo-se à Faculdade de Filosofia, se tornaria, em 1968, o atual Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ.

É uma feliz coincidência que essa homenagem a Evaristo de Moraes Filho integre este número da Revista. Com sua visão da dinâmica social, Evaristo foi um dos primeiros sociólogos brasileiros a incorporar Simmel em seus horizontes intelectuais, e organizou a coletânea integrante da Coleção *Grandes Cientistas Sociais*, da Editora Ática, que, durante décadas, foi praticamente a única referência em português de textos do autor alemão. Vale lembrar também que Gilberto Velho, que tanto incorporou e divulgou as ideias de Simmel em sua proposta de uma antropologia das sociedades complexas, atribuiu a Evaristo de Moraes Filho sua introdução ao pensamento daquele autor. A Evaristo e a Gilberto e a sua atuação precursora, expressamos nossa gratidão e reconhecimento.

Finalmente, Íris de Moraes Araújo, em sua resenha de *Dos Katiriana e suas inquietas companhias*, de Felipe Ferreira Vander, realça a inovadora abordagem deste primeiro estudo disponível sobre os Katiriana, que vivem em aldeias nos municípios de Porto Velho e Candeias do Jamari, em Rondônia.